



FILOSOFIA NA ESCOLA: A BASE DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

PHILOSOPHY IN SCHOOL: THE BASIS OF EDUCATION HUMANIZING

Renivaldo Oliveira Fortes¹

“o homem é a única criatura que precisa ser educada”
(Kant)

RESUMO: O presente texto problematiza em linhas gerais o discurso legitimador para constituir a filosofia como disciplina curricular na escola. Busca refletir sobre a contribuição da filosofia no processo de humanização. Aborda ainda, o porquê da filosofia na escola e qual deveria ser o seu papel na instituição, tendo como uma das principais referências o pensamento do filósofo espanhol Fernando Savater. O texto apresenta críticas à visão salvacionista da filosofia na escola e ao ensino tradicional de filosofia. Para além da crítica, aponta alguns caminhos que podem ser seguidos. Reflete filosoficamente sobre as possíveis contribuições que a filosofia poderá trazer ao jovem estudante e a própria escola. Mostra que o ensino de filosofia quando baseado na história da filosofia, na memorização de conceitos e na repetição de ideias, faz do processo educativo uma grande verborrêia. Deixa claro que a filosofia é o exercício da pergunta e a reflexão sobre a dúvida; é o exercício da problematização do mundo e da própria existência; é o exercício do questionamento pela origem das coisas, é o diálogo entre iguais. De modo geral, o texto visa analisar o discurso legitimador referente à possibilidade de os jovens estudantes do ensino médio iniciar-se no estudo da filosofia, de forma que, eles percebam que a filosofia é um modo de reflexão ainda vigente, que lhes pode ser útil em suas perplexidades cotidianas.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Escola; Educação humanizadora.

ABSTRACT: This paper discusses in general terms the legitimizing discourse to constitute philosophy as a discipline in the school curriculum. Seeks to reflect on the contribution of philosophy in the process of humanization. Also addresses the why of philosophy in school and what should be its role in the institution, having as a major reference thought of Spanish philosopher Fernando Savater. The text presents the critical view of philosophy in school Salvationist and the traditional teaching of philosophy. In addition to criticism, with some approaches that can be followed. Reflects philosophically on the possible contributions that philosophy can bring to the young student and the school itself. Shows that when the teaching of philosophy based on the history of philosophy, the

¹ Mestre em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. E-mail: renivaldo.fortes@ifro.edu.br



memorization of concepts and the repetition of de ideas, makes a great educational process verbiage. It makes clear that philosophy is the exercise of reflection on the question and doubt, is the practice of questioning the world and of existence itself, is the exercise of questioning the origin of things, is the dialogue between equals. In general, the text aims to analyze the legitimizing discourse concerning the possibility of the young high school students begin the study of philosophy, so that they realize that philosophy is a way of thinking still in force, they can be useful in their everyday perplexities.

KEYWORDS: Philosophy; School; Education humanizing.

Introdução

A presença da Filosofia na escola é indispensável, pois se trata de uma disciplina que se apresenta “como crítica e reflexão sobre certos problemas ou temas concretos do mundo contemporâneo” (Rodrigues, 2002, p. 173). Essa instância de crítica e reflexão pode ser assim compreendida:

não há nenhuma outra instância onde se reflete sobre o fundamento e os limites do conhecimento, tratando de gerar critérios sobre a distinção entre conhecimento fundamentado e não fundamentado e de tirar fora o “obscurantismo” e a “mistificação” da ciência; não há outro âmbito onde se reflete sobre problemas éticos, estéticos, sócio-políticos e culturais, procurando um antídoto contra o dogmatismo, o fanatismo e a intolerância. Uma instância, além disso, onde se desenvolvem as capacidades de argumentação e discussão de idéias explicitamente fundamentadas e com elucidação de qualquer análise, elucidação e avaliação de um discurso que inclua princípios gerais (Navia, 2005, p. 287).

Severino (2004) entende que um dos principais pressupostos sobre a natureza da filosofia é “o caráter eminentemente formativo, ou seja, é de sua própria natureza gerar e gerir uma cosmovisão significadora, que produz significados que norteiam a vida das pessoas”. De acordo com Severino “a única pragmaticidade defensável da filosofia é que ela possa contribuir na construção/explicação das significações que norteiam nossas demais práticas!” (2004, p. 103). Segundo Savater (2005) por “‘significado’ não se deve entender uma qualidade misteriosa das coisas em si mesmas, mas a forma mental que nós, humanos, lhes damos para nos relacionarmos uns com os outros por meio delas”. O que se espera da formação filosófica é que “essas significações sejam aquelas mais condizentes



com uma existência digna, não degradada e não alienada, de acordo com o que a filosofia, como saber cultural acumulado e em devir, assim as construiu e continua construindo” (Severino, p.108). Neste sentido é o caráter formativo da Filosofia que,

a vincula íntima e necessariamente com a educação, se esta for entendida como investimento na universalização dos significados, na universalização dos benefícios do conhecimento. Se a educação for concebida como processo, por excelência, da humanização, investimento coletivo para construir o próprio homem, subsidiando-o na necessária superação de sua pura naturalidade físico-biológica (Severino, 2004, p. 103).

De acordo com Severino (ibidem. 103) “é a necessidade da formação integral do homem que legitima a própria educação e a presença, nela, da filosofia”. Neste sentido podemos entender que “Filosofia e educação alimentam-se reciprocamente e avançam século após século na busca por fazer o homem cada vez mais humano” (Carbonara, 2007, p. 253). Em todos os momentos que estiver em pauta na escola o processo de construção de “significados”, “a presença da intervenção pedagógica da Filosofia é pertinente, relevante e até mesmo indispensável” (Severino, 2004, p. 103). Assim sendo, pensar o ensino de Filosofia na escola é “propor perspectivas que ultrapassem as condições meramente reprodutivistas, é compreender e significar as estruturas, permitindo aos sujeitos critérios que possam orientá-los em suas ações e pensamentos” (Borin; Brixner, 2004, 135).

A intervenção pedagógica de que fala Severino não pode prescindir da formação filosófica específica do professor de Filosofia. Segundo Fávero (2002, p. 430) “a Filosofia não terá espaço por si mesma se não for garantida pela competência dos profissionais que a produzem e a mantêm viva”. O professor, segundo Aranha (2000, 116) deve “oferecer condições para que os alunos façam o reconhecimento de si mesmos e de suas relações com os outros”. A função do professor de Filosofia no espaço institucional da escola legitima-se no ofício de “atualizar as razões pelas quais as grandes obras de pensamento foram inscritas na memória humana; e de continuar a indagar sobre urgências histórico/existenciais da condição humana” (Garcia, 2002, p. 340). O preparo do professor é



condição indispensável para “evitar o fracasso e maximizar a probabilidade de êxito” da atividade filosofante na escola. (Sousa, 2004, p. 173).

Uma perspectiva que pode ser eleita como fundamental da Filosofia na educação é assumir a missão de iniciar o jovem à ressignificação de sua experiência existencial. Neste sentido afirma Severino: “inclino-me a ver o ensino de Filosofia como um investimento pedagógico intencional, que visa contribuir para que os adolescentes desencadeiem um processo de ressignificação de sua experiência existencial, pois eles vivem fazendo uma contínua experiência do mundo, em todas as dimensões” (2004, p. 107).

A experiência de pensar e refletir sobre a condição existencial no contexto em que se está inserido possibilitará ao aluno a elaboração de significados conceitual e valorativo de que precisa para dar continuidade a sua trajetória como sujeito histórico. A formação filosófica é absolutamente necessária para que ele, adolescente, possa começar e continuar a se dar conta do significado da sua existência histórica, do significado da inserção dele no mundo da vida.

Severino (2004, p. 110) entende que “mesmo sendo difícil a exploração dessa experiência, ela é a melhor alternativa pedagógica frente ao conceitualismo abstrato, ao historicismo erudito e ao emocionalismo individualista”. Um dos caminhos razoáveis para se promover a atividade filosofante na escola é aquele

articulado com a experiência concreta dos estudantes, entendendo tratar-se não de seu dia-a-dia do cotidiano singular, mas do tecido de seu contexto histórico social. Um esforço a partir não da universalidade dos conceitos abstratos, nem da singularidade de sua vivência cotidiana, mas da particularidade de sua experiência histórica. (Severino, 204, p. 110).

De acordo com Horn,

a centralidade do saber filosófico no ministério educativo decorre de sua disposição para instigar e conduzir a consciência a procurar a percepção acurada da existência, edificando criticamente seu significado, ou seja, ressignificando a experiência do ser a partir da própria existência, como consciência da existência. Esse processo reflexivo do modo de ser próprio do homem na sua concretude entrelaça dialeticamente subjetividade e experiência em uma práxis que amplia incessantemente a



compreensão da realidade, bem como as possibilidades de reconstrução da consciência e da própria realidade (Horn, 2004, p. 273).

A contribuição da Filosofia situa-se no esforço de compreensão da existência humana situada historicamente, ou seja, é um esforço em conectar a realidade subjetiva com a realidade do mundo da vida. Nesse sentido, a filosofia assume o compromisso de “contribuir para a formação, em sentido amplo, de uma nova cultura, nova educação, fazendo a crítica da economia e da política, problematizando a ética que as constitui, para repensar o processo e a construção do conhecimento e da racionalidade que o sustenta” (Horn, 2004, p. 275).

A reflexão filosófica é constituidora de uma racionalidade emancipatória que nunca deve deixar de problematizar o ser humano. De acordo com Horn, “a contribuição da filosofia no processo de formação humana é o fazer Filosofia em seu sentido original: problematizar o ser humano e o mundo de forma radical e global” (Horn, 2004, p. 276). Esse modo de pensar vem a ser um resgate da razão crítica que possibilita

o reconhecimento de que todo processo de construção do conhecimento, de educação, de formação humana é carregado de valores, e esse reconhecimento não sugere uma neutralidade axiológica, mas o desafio de refletir criticamente sobre a história, sobre a sociedade e sobre a origem da cultura, dos valores, dos interesses, sobre as limitações dessa racionalidade, que, por ser crítica, tem clareza de que é produto de certos contextos, portanto, datada, situada, limitada (Horn, 2004, p. 277).

No entendimento de Horn (2004, p. 279), “é preciso recorrer à modalidade do conhecimento filosófico que é onde desenvolvemos nossa visão mais abrangente do sentido das coisas e da vida, que nos permite buscar, com a devida distância crítica, a significação de nossa existência e o lugar de cada coisa nela”. Esse entendimento significa trilhar progressivamente o processo de atribuição de sentidos.

A escola é definida, portanto, como o *locus* privilegiado para esse mister, uma vez que a sociedade a constitui em instituição formal de ensino, e, em seu interior, intencional e sistematicamente, tanto aprendizagem como formação passaram aí a ser trabalhadas. Segundo Horn, a escola deve assumir a tarefa de:



propiciar ao jovem o crescimento intelectual, relativo ao domínio do conhecimento, e sensível, por modos diversos, para a expansão da subjetividade nas direções do intelecto, com a compreensão de conceitos; da ética, relativo aos valores orientadores da conduta; da consciência estética, a qual se manifesta na estesia, e da consciência social, cujo sentido é a utilização da subjetividade par ajuizar valores políticos, isto é, estabelecer relações sociais (2004, p. 272).

O esforço educativo no espaço escolar configura-se como o processo de atribuição de sentido da condição *humana-no-mundo*, ou seja, o entendimento que permite a condução das ações humanas baseadas em valores positivos e em relações sociais dignas. Neste sentido, afirma Langón (2003, p. 91), “não se trata, em educação, de *aprender o já sabido* (isto é, aprender filosofia, matemática ou história), mas aprender a *ser humano*”.

O ato filosofante na sala de aula merece um cuidado muito especial, pois, não se de trata apenas de se instruir numa determinada habilidade ou de decorar uma série de conhecimentos filosóficos, mas ao contrário, de instaurar um modo de pensar marcado pela subjetividade. O ensino de Filosofia na escola deve ter como objetivo primordial “a instrumentalização teórico-prática dos estudantes, de modo a capacitá-los para uma compreensão mais fundamentada, mais elaborada e global da realidade em que vivem e, conseqüentemente, para uma intervenção mais consciente e crítica nessa realidade” (Silveira, 2000, p. 138). Isto posto, entende-se que a Filosofia amplia a visão de mundo do educando, proporcionando-lhe uma leitura mais criteriosa dos fenômenos que o cercam.

A Filosofia pode ser uma instância reflexiva e deliberante da subjetividade do aluno. Segundo Cassol (2008, p. 145) a Filosofia na escola “deve e pode ser uma instância reflexiva e deliberante, da verdadeira subjetividade, trabalhando a liberação da imaginação radical do ser humano e orientando-o a ser fonte de criação e alteração pessoal, social e institucional”.

Neste sentido a primeira atitude da Filosofia educativa seria a de provocar a auto-reflexão levando a descoberta de si mesmo. A Filosofia tem condições de “proporcionar aos estudantes a possibilidade de se conhecerem e re-conhecerem e, então, realizarem uma autocrítica de suas vidas, de suas existências, das suas histórias, de seus momentos, espaços



e tempos” (Cassol, 2008, p. 146). Essa atitude seria então da Filosofia ajudar o aluno a tomar consciência que ele é um sujeito e tem responsabilidades como cidadão. Segundo Cassol, “a contribuição da Filosofia para o estudante, nessa dimensão pessoal, aponta para a capacidade de ver-se como sujeito” (2008, p. 156). A escola e a própria Filosofia podem contribuir para o nascimento do Ser consciente de sua condição política. A função da escola e, em especial, da Filosofia, “é capacitar os estudantes para que se revistam da condição de sujeitos e possam, como diz Mädche (1998), vencer a si mesmos e a realidade circundante, humanizando, coletivamente, o ambiente e as condições sociais” (Cassol, 2008, p. 157).

Uma segunda atitude da Filosofia na escola é promover a crítica institucional. Segundo Cassol (2008, p. 152) “o despertar para a crítica institucional tem origem com consciência de si e de relações [...] cada ser consciente quer dar às instituições que interferem em sua história, seu conceito, seu modo de ser”. Percebendo-se como um ser consciente e político que faz parte das instituições, como por exemplo, a escola, o aluno torna-se “um ser de ação comprometido com a comunidade e consigo mesmo enquanto extensão desse coletivo que o constitui” (Cassol, 2008, p. 153). A crítica institucional é um meio de transformar e qualificar a escola, além é claro que ser um excelente exemplo político dos agentes que dela fazem parte.

A essência da Filosofia na escola é construir uma consciência comunitária dos sujeitos baseada na discussão filosófica em sala de aula. A partir daí instituir a terceira atitude da Filosofia na escola básica que é a abertura de um canal crítico permanente do Estado. O questionamento sobre a atuação e os deveres do Estado deve ser passado a limpo sob uma perspectiva ética. O estado “é a instituição, por concepção, agregadora das vantagens de segurança, liberdade, educação e promoção de qualificação da vida humana” (Cassol, 2008, p. 155). Quando o Estado não cumpre com a sua função cabe a comunidade estudantil refletir filosoficamente sobre as possíveis desvirtudes praticadas.

Sempre que as pessoas se negaram a debater e a oferecer argumentos legítimos para a manutenção da vida republicana e democrática, “ocorreu o encurtamento da idéia da ação



política enquanto instituidora das formas e sentidos da sociabilidade humana” (Garcia, 2002, p. 61).

Pode-se ver a Filosofia na escola como a formadora do sujeito político em vários estágios progressivos:

o momento em que a pessoa se descobre é o primeiro; o momento em que a pessoa toma consciência do outro e, logo após, dos outros – esse é o momento de consciência comunitária – envolve, também, um terceiro momento em que a pessoa descobre as relações institucionais, um mundo de possibilidades relacionais. Ao descobrir as instituições, as entende como criações humanas e, como criações humanas, passíveis de mudança, de transformação, assim como o próprio ser humano (Cassol, 2008, p. 161).

Neste sentido a Filosofia apresenta-se como formadora do sujeito sócio-político capaz de perceber-se como ser consciente de sua existência e consciente do seu mundo.

A diversidade de argumentos que aparecem para legitimar o ensino de filosofia nas instituições escolares, não pode prescindir de uma reflexão racional sobre o verdadeiro sentido dessa presença. Mesmo considerando-se essencial à condição humana o ensino filosófico nos espaços educacionais modernos, ainda é necessário conversar e debater sobre os argumentos legitimadores dessa presença. Por isso, não podemos dispensar a reflexão sobre argumentos que incidem sobre as tarefas da filosofia nesses lugares. A esse respeito o professor Cláudio Garcia afirma:

Mais cômodo é reconhecer que os argumentos a favor do filosofar foram bem sucedidos a ponto de ser considerado como *essencial à condição humana*. Houve eficiência para tal e não se pode descartar a importância que tiveram as narrativas de seus conflitos e martírios para instalá-las em um dos lugares nobres das sociedades modernas: as instituições educacionais. Mas mártires e conflitos não beatificaram, para sempre, uma atividade que instaurou-se nas suas próprias entranhas, condições desconfortáveis para manter um prestígio advindo de argumentos corrosivos sobre o estatuto finito da condição humana; que enunciaram, sem cansar, o caráter artificial das instituições humanas; que feriram e poliram conceitos para descrever a dignidade, a perversão e a capacidade do homem produzir seu mundo sob a extensão de sua imaginação, seus desejos e justificativas (2002, p. 56).



Nota-se que para garantir a presença nomeada da atividade filosófica nos espaços das salas de aula requer apresentação de argumentos e iniciativas bem sucedidas entre aqueles que a partilham. O fato é que, os personagens desse debate não podem esquecer que “a presença da atividade designada como *filosofia* nos espaços de nossas instituições escolares nos convoca a pensar sobre os significados socialmente instaurados dessa presença” (2002, p.66). Pensar e debater sobre os significados da presença da filosofia na escola, “indica nosso apreço pelas noções de esfera pública e de vida argumentativa oriundas de experiências e de imaginários democráticos e republicanos” (Garcia, 2005, p. 17).

A escola pode ser considerada como uma instituição privilegiada para que aí se instale o ensino de filosofia. No entanto, os mártires e conflitos não beatificam para sempre essa atividade que se instituiu e se institui sobre argumentos humanos sempre revisáveis a luz da razão. Mais importante do que narrativas e argumentos em favor da filosofia na escola é entender que “a atividade de ensinar filosofar, é ação que designa e convoca debates sobre sentidos e tarefas da atividade filosófica nos contextos de nossas escolas” (Garcia, 2002, p. 57). Perguntar pelo sentido da filosofia nas instituições escolares é um modo de reativar o debate e a vida argumentativa em uma época em que os espaços democráticos se encurtam. Promover discussões pautadas em argumentos razoáveis sobre a atividade filosófica é uma forma de manter viva a própria filosofia.

A promoção de debates filosóficos nos espaços escolares é um modo de pensar as novas relações humanas que se estabelecem nas modernas sociedades, caracterizadas pelas relações individualistas e apressadas. Acredita-se que o ensino filosófico possibilite os alunos a refletirem sobre as vantagens da vida em comum, regida por princípios democráticos e republicanos. Parece razoável acreditar ainda que, a presença da filosofia nas escolas contribuirá para que os jovens conscientizem-se da importância da vida democrática frente aos riscos de modelos políticos pautados em princípios individualistas e totalitaristas.

O atual sistema educacional tem uma pedagogia caracterizada excessivamente pelos princípios do cientificismo e do pragmatismo. Tal modelo parece não conseguir desenvolver no aluno a capacidade de refletir de um modo mais significativo sobre a sua



condição como sujeito existencial, histórico e de relações. O filosofar no âmbito da escola é exercitar racionalmente a pergunta, a dúvida, é a problematização das questões vitais do aluno como membro de uma comunidade de semelhantes.

Constata-se que a escola não tem conseguido por si só, afirmar racionalmente alguns valores necessários para o convívio entre iguais. O retorno da filosofia como disciplina curricular, viabiliza a abertura de um novo espaço de intercâmbio e diálogo racional. Será aí que, os alunos poderão descobrir-se como sujeitos históricos, capazes de pensar racionalmente o mundo, não como um fim já determinado, mas como um universo de múltiplas possibilidades. O propósito da filosofia é ajudar o aluno a pensar de forma racional e autônoma o mundo da vida, e na medida em que o pense, transforme-o.

A iniciação filosófica na escola vai proporcionar ao estudante o exercício da reflexão sobre si mesmo e sobre as perplexidades do seu cotidiano. Voltar-se sobre si mesmo de modo reflexivo, é fazer um caminho que o levará ao conhecimento daquilo que é próprio da condição humana, ou seja, da dimensão da razão, da liberdade e da coletividade. Diante da sociedade que afirma o individualismo como um suposto valor, fazer esse exercício socrático de autoconsciência nos parece ser um grande desafio.

Segundo o que escreve Adela Cortina (2005), no jornal espanhol *Opinión*, “o difícil é, sem dúvida, converter-se em sujeito da própria vida, antecipar-se ao futuro e trazê-lo a mão, eleger as melhores possibilidades com vista à felicidade, segue exigindo essa autoconsciência do que já falava Sócrates e que se há feito tão estranho no mundo cotidiano”. O pensar filosófico ajuda o aluno a restabelecer novos sentidos para o seu viver, elegendo novos valores que se concretizam a partir da reflexão de uma comunidade dialógica. Essa comunidade inicialmente pode ser a própria sala de aula, estendendo-se posteriormente a escola enquanto instituição democrática, alcançando por fim a sociedade. A presença da filosofia na escola facilitará a tomada de consciência por parte dos membros da comunidade escolar, de que o indivíduo pode ser autônomo e livre para pensar a própria vida.

Na conferência, “*Necesidad de la filosofía en un mundo globalizado*”, proferida pelo filósofo espanhol Fernando Savater, ele afirma:



Nosso sistema educativo forma pessoas atarefadas, eficazes, cheias de conhecimentos pontuais, porém, talvez incapazes de uma reflexão geral acerca de sua própria condição, de seu próprio ser, do vínculo que as une com os demais seres, do sentido que tem a comunidade humana sobre a terra. E estes são, precisamente, os temas de que a filosofia tem tratado ao largo do tempo. (Savater, p. 2).

Observa-se que o sistema educacional comete um grande equívoco em fundamentar-se somente sobre perspectivas técnicas e pragmáticas. Educar a partir da perspectiva da filosofia seria romper com o pragmatismo e com todos os princípios autoritários, dogmáticos e fundamentalistas que costumam alienar os homens. Os temas tratados pela filosofia contribuiriam para humanizar mais a educação e em especial os educandos. A dimensão do pensamento filosófico contribuiu para a construção de uma consciência coletiva sobre o sentido que tem a comunidade humana sobre a terra.

O pensamento de toda a história da filosofia é marcado pela reflexão sobre aquilo que somos e sobre aquilo que queremos ser diante do mundo e diante do outro. Pensar os melhores fins para a coletividade sempre foi uma das dimensões da filosofia, que se renova a cada período que passa na história. A educação de hoje pouco ou nada tem feito para humanizar os alunos, que praticamente não exercitam o pensamento crítico e reflexivo. Portanto, uma das dimensões da filosofia na escola, é servir de base para o exercício intelectual da crítica, da dúvida e da reflexão sobre os problemas vitais do cotidiano do aluno e da própria comunidade escolar.

A iniciação dos jovens ao universo filosófico é uma possibilidade de alargar a sua visão sobre o sentido da filosofia e sobre tudo aquilo que ela tem de interessante, que pode ser útil ao seu processo de humanização. A filosofia, segundo Savater,

Não é um luxo arcaico. Não é um velho ritual que se deva guardar por que assim fizeram nossos avós, nossos bisavós e nossos tataravós. A filosofia é uma forma de manter em pé a pergunta pela excelência humana, ou seja, de não dar por certo que o mundo funciona como um piloto automático. Há uma dimensão de que trata a filosofia, e ela tem a ver com a reflexão sobre o que somos, sobre o que nos propomos a fazer, sobre nossa perplexidade e, é essa reflexão que dá sentido à vida (Savater, p. 8).

Manter a atitude de perguntar pelo sentido último da vida humana e pela mutabilidade do mundo é um dos princípios da filosofia. A desconfiança racional diante da



ordem estabelecida é necessário, pois o mundo não pode ser entendido como uma dimensão imutável, muito pelo contrário, é um eterno devir.

Como o professor deveria apresentar a filosofia aos seus alunos

O modo como se desenvolve o ensino de filosofia na escola é determinante para se alcançar o sucesso ou o fracasso de todo o processo. É importante que o professor perceba que está diante de um público iniciante, que nada ou quase nada sabem a respeito do universo filosófico. Ao abordar pela primeira vez, o professor deve ter o cuidado para não cometer o erro de tratar o ensino de filosofia como um estudo tradicional, desenvolvido a partir de lições demasiadamente eruditas. Estudar os diferentes momentos da filosofia e do pensamento dos filósofos, somente pelo enfoque histórico, poderia se tornar um estudo pouco produtivo, sem falar ainda que, os jovens não despertariam para estudos posteriores mais aprofundados. A filosofia por natureza é bastante complexa e exigente. Portanto, o professor de filosofia responsável por introduzir o jovem estudante ao pensamento filosófico nunca pode esquecer de manter um tom acessível e sempre que possível tornar-se cúmplice do aluno na ousadia do filosofar.

Uma alternativa ao ensino tradicional de filosofia, seria abordar ela por meio de perguntas ou problemas vitais. O aluno precisa problematizar os problemas do seu espaço e do seu tempo histórico, assim como fizeram os próprios filósofos. Às vezes é necessário recorrer aos pensadores clássicos e verificar o que eles pensaram a respeito de algumas questões da condição humana. No entanto, o mais importante não é ficar preso ao modo de pensar as problemáticas da época em que viveram os nobres filósofos, mas colher tudo aquilo que me é útil para pensar os meus problemas vitais.

Segundo Savater, “trata-se primordialmente de saber, não como Sócrates se arranjava para viver melhor em Atenas há vinte e cinco séculos, mas como nós podemos compreender e desfrutar melhor a existência como contemporâneos da Internet, da Aids e dos cartões de crédito” (2001, p. 1). O professor de filosofia na escola precisa perceber que o mais importante de tudo não é o quanto o aluno vai conhecer da vida e do pensamento de Sócrates. No entanto, o que se espera é que o aluno se de conta de que é importante



saber que não se sabe e, que o verdadeiro sábio sabe que não sabe. Que o grande objetivo da filosofia é o aperfeiçoamento do sujeito e o filosofar significa conhecer a si mesmo. O contato com o pensamento de Sócrates ou de qualquer outro filósofo é o ponto de partida na direção do pensar autônomo.

Pensar filosoficamente não é repetir os pensamentos de Sócrates a respeito das suas problemáticas, mas é apoiar-se conscientemente no seu pensamento para problematizar as questões contemporâneas que nos desafiam. Ao tratar dessa questão no artigo, *acerca de la verdadera educación: potenciar la razón*, Savater afirma:

É verdade que às vezes a compreensão das respostas dos filósofos é importante, porém, a filosofia não consiste em compreender os sistemas dos filósofos, mas sim que, os sistemas dos filósofos servem para compreender o mundo. Então o interessante é utilizar os conhecimentos, as idéias, os sistemas dos filósofos para compreender o mundo, não converter o conhecimento dos filósofos na finalidade da filosofia (Savater, 1999, p. 16).

O professor de filosofia no ensino médio não pode cometer o equívoco de tratar a filosofia, a partir de um apanhado de informações sobre os filósofos e seus sistemas filosóficos. Tudo aquilo que os filósofos produziram requer sem dúvida aprendizado e estudo, mas não pode ser confundido como a finalidade da filosofia. A partir dos conhecimentos e das idéias dos filósofos o aluno precisa desenvolver o seu próprio modo de pensar, ou seja, o objetivo da filosofia na escola é ajudar o aluno a pensar por si mesmo os problemas de sua realidade e o modo como superá-los.

A filosofia é um estudo racional e sistemático sobre questões que nem sempre tem respostas definitivas, mas que precisam ser abordadas. O adolescente precisa saber perguntar: O que é a filosofia? O que é a arte? O que é a liberdade? O que é a política? etc. Pensar filosoficamente é perguntar o porquê das *coisas*, é refazer por conta própria a indagação que lhe é pertinente, é buscar respostas pessoais sem ficar preso a conclusões alheias.

O interesse dos jovens pela filosofia vai depender de como a disciplina de filosofia vai ser trabalhada em sala de aula. Se for tratada como repetição daquilo que foi pensado ou como arqueologia daquilo que foi dito, acredita-se que os alunos não vão se encantar pelo seu estudo. Savater (2005) afirma que “para despertar a curiosidade dos alunos é



preciso estimulá-la com algum incentivo muito substancial, talvez anedótico ou aparentemente trivial; é preciso ser capaz de se colocar no lugar dos que são apaixonados por qualquer coisa *menos* pela matéria cujo estudo está iniciando” (2005, p. 120).

É no jogo racional e reflexivo, ora individual, ora coletivo, que o aluno vai se apropriar da essência do pensamento deste ou daquele filósofo, tornando-se posteriormente útil para configurar as suas próprias idéias. Aquilo que vai ser desenvolvido como filosofia na escola, precisa encantar o aluno, ele precisa perceber que a reflexão filosófica na sala de aula é desafiar-se a tratar da própria vida e das relações que ele estabelece com o mundo.

O modelo educacional da atualidade é bastante marcado pela visão instrumental em detrimento da visão humanista. A presença da filosofia na escola, desde que trabalhada numa perspectiva emancipadora e problematizadora poderá converter em boa medida o perfil da educação vigente. A filosofia vai possibilitar a criação de novos espaços de diálogo dentro da comunidade escolar, assim como, novas perguntas sobre o ideal de educação e de escola enquanto instituição democrática. A aula de filosofia em momento algum poderá ser um espaço de transmissão de conhecimentos ou de teorias clássicas, mas deverá ser um espaço de diálogo e reflexão, no qual cada aluno tenha condições de testar a razoabilidade de seus argumentos frente aos argumentos dos colegas.

O planejamento da aula de filosofia precisa levar em conta as últimas inquietudes dos alunos e as perplexidades de sua vida. Um dos grandes erros no ensino de filosofia, é se remeter de imediato ao universo dos grandes filósofos e de suas obras, esquecendo-se do mundo da vida do aluno. Ele precisa ser despertado para o mundo da filosofia, de forma que, desenvolva a atitude e o apetite em filosofar por si mesmo. Quanto a isso, Savater afirma:

O principal é abrir o apetite de conhecimento do aluno, e não oprimir ou o impressionar. Se sua vocação o atrair para esse caminho, ele terá tempo de aprofundar esse aprendizado, inteirar-se das descobertas mais recentes e até descobrir por si mesmo. Adotar desde o início os ares de enfado do tecnicismo não só não o convencerá da importância do estudo que lhe está sendo proposto como o dissuadirá dele, persuadindo-o em contrapartida de que é algo a seus interesses ou prazeres (Savater, 2005, p. 121).



O ensino filosófico na escola precisa acontecer de modo que, o aluno sinta prazer em se dedicar ao estudo da filosofia, percebendo assim que a leitura das obras filosóficas, ou de grandes pensadores pode lhe garantir uma razoável satisfação intelectual. Nota-se que o desgosto dos alunos para com a prática filosófica costuma ter como causa muitas vezes, o próprio material didático utilizado pelos docentes de filosofia, pouco ou nada atrativos. Denunciando esses equívocos, Savater escreve:

E o que dizer da filosofia, cujos manuais de segundo grau oferecem listas de nomes agrupados em times opostas (estóicos contra epicuristas, idealistas contra materialistas etc.), que muitas vezes parecem à lista telefônica dos grandes filósofos, só que sem nenhum número para qual se possa ligar para resgatar os jovens do fastio e da confusão? Sem falar da deleitação acadêmica num jargão o mais obscuro e artificial possível talvez adequado a iniciados, mas, sem dúvida, não aos que tentam se iniciar. Cheguei a conhecer um livro de introdução tão simpático que já no segundo tema enchia as páginas de fórmulas algébricas, triunfalmente colocadas, ao que parece, para desanimar os remissos. Nada de concessões demagógicas à curiosidade dos adolescentes, cujas perguntas são, em sua maioria, espontaneamente metafísicas! É melhor fugirem, se não tiverem dispostos a se submeter ao ascetismo do enigmático ou do árduo (Savater, 2005, p. 118).

Tratar o ensino de filosofia desse modo é condená-lo a esterilidade. Parte da culpa de tal resultado é dos próprios professores que utilizam textos filosóficos excessivamente complexos, ou ainda, textos sem nenhum teor filosófico, circunstâncias que prejudicam o processo do filosofar. Outro agravante é a linguagem erudita utilizada, muitas vezes apropriada para iniciados, mas não para iniciantes que jamais ouviram falar de Sócrates, Platão ou Kant. É claro que para conhecer a tradição filosófica o aluno precisa compreender algumas expressões mais complexas e dominar alguns conceitos básicos. Apresentar a filosofia aos jovens dando a impressão de que poucos espíritos são capazes de ascender as mais nobres verdades filosóficas é um erro gravíssimo.

Uma coisa é certa, a filosofia não é inacessível aos jovens estudantes em idade escolar, muito pelo contrário, a acessibilidade se dá, na medida em que, “ela for tratada como atividade, processo e não apenas como um conjunto de conhecimentos historicamente produzidos [...] é possível ensinar a filosofar como busca de respostas cada vez melhores para os problemas com os quais nos defrontamos” (Gallo, 2002, p. 196).



A prática da filosofia na escola precisa seduzir o jovem estudante e não intimidá-lo com um discurso tradicional e erudito. As obras do próprio Savater, como por exemplo, “*Ética para Amador*” e de Jostein Gaarder, “*O mundo de Sofia*”, são bons exemplos para iniciar os alunos no mundo da filosofia. No Brasil, ainda poderia citar o movimento de filosofia para crianças que tem ganhado novos adeptos a cada dia. Esses e tantos outros exemplos mostram que os jovens precisam mesmo é ser estimulados a se envolverem com a filosofia, de tal forma que, após o primeiro contato bem sucedido com a filosofia no ensino médio, eles sintam-se desafiados a prosseguirem por si sós o estudo começado na escola.

O estímulo que falta ao jovem para que ele possa admirar a filosofia, poderá vir da própria filosofia. Na medida em que, ele começar a enfrentar os problemas vitais da própria condição humana, sob uma perspectiva filosófica, vai se dar conta do quanto a reflexão filosófica vai lhe ser útil no enfrentamento das grandes questões do mundo da vida.

No que se refere a “utilidade” da filosofia e da reflexão filosófica, Savater afirma: “trata-se primordialmente de saber, não como Sócrates se arranjava para viver melhor em Atenas há vinte e cinco séculos, mas como nós podemos compreender e desfrutar melhor a existência como contemporâneos da Internet, da Aids e dos cartões de créditos” (2001, p. 1). Algo que se pode dizer é que o pensamento dos grandes filósofos não é o ponto de chegada da reflexão filosófica que o aluno possa fazer na sala de aula, mas, é o ponto de partida, até porque, pensar filosoficamente não é repetir pensamentos alheios.

É verdade que às vezes a compreensão das respostas dos filósofos é importante, porém, a filosofia não consiste em compreender os sistemas dos filósofos, mas sim que, os sistemas dos filósofos servem para compreender o mundo. Então o interessante é utilizar os conhecimentos, as idéias, os sistemas dos filósofos para compreender o mundo, não converter o conhecimento dos filósofos na finalidade da filosofia (Savater, 1999, p. 16).

Ensinar filosofia na escola é levar o aluno a refletir filosoficamente sobre questões do mundo da vida do seu tempo, assim como fizeram os grandes filósofos em outras épocas, porém, o aluno vai utilizar os conhecimentos produzidos por eles, para compreender o próprio mundo. O pensamento dos grandes filósofos e os sistemas



filosóficos são referências e não um fim em si mesmo. O aluno deve buscar apoio neles de uma forma consciente, mas em seguida, é convidado a refletir por conta própria e a problematizar as próprias questões que fazem parte do mundo da vida.

Considerações Finais

Acredita-se que o ensino de filosofia vai ajudar o jovem a pensar a realidade e a repensá-la com base no próprio contexto social no qual está inserido, interpretando o mundo não como acabado, pronto, finito, mas como processo em construção de si e da realidade; somente assim ele poderá sair de uma possível consciência alienada para uma consciência crítica e criticante de si mesmo.

A respeito da alegria resultante do filosofar, Savater cita Montaigne,

Recordando aquelas gororobas insuportáveis, vem-nos à memória a resplandecente lição de Montaigne, exposta justamente no ensaio dedicado à instrução das crianças: “É um grande erro pintar a filosofia como inacessível às crianças, dotada de fisionomia carrancuda, exigente e terrível. Quem a mascara com esse falso rosto, pálido e repulsivo? Não há nada mais alegre, mais movimentado, mais regozijante e até, ousado dizer, mais travesso. Só prega festa e bons momentos. Nela não há lugar para um semblante triste e crispado” (2005, p. 118).

O autor quer chamar a atenção para o risco que o ensino de filosofia corre na escola de se tornar ocioso e artificial. De certa forma, ele sugere que os escritores e professores de filosofia pensem novas formas de estimular os alunos ao filosofar. Isso poderia começar pela produção de textos mais anedóticos e aulas mais dinâmicas. As paixões intelectuais pela filosofia poderiam se intensificar a partir do uso de uma linguagem mais acessível aos alunos. O próprio Savater afirma: “por isso não deve desdenhar da linguagem simples, nem as referências ao popular, nem o humor, sem o qual a inteligência é apenas um estofado de imbecilidades elevadas” (2005, p. 123).

Bibliografia

CARBONARA, Vanderlei. O diálogo na formação filosófica: uma discussão sobre a metodologia do ensino de filosofia. In: RIBAS, Maria Alice Coelho (Orgs.) et al. Filosofia e ensino: a filosofia na escola. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.



GALLO, Sílvio. Filosofia no ensino médio: em busca de um mapa conceitual. In: FÁVERO, Altair Alberto; RAUBER, Jaime José; KOHAN, Walter Omar. Um olhar sobre o ensino de filosofia. – Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. – 296p. – (Coleção filosofia e ensino).

GALLO, Sílvio. A especificidade do ensino de filosofia: em torno dos conceitos. In: PIOVESAN, Américo... et al. (Orgs.). Filosofia e ensino em debate. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

GARCIA, Cláudio Boeira. Filosofia, ação e mundo das aparências. In: FÁVERO, Altair Alberto; RAUBER, Jaime José; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). Um olhar sobre o ensino de filosofia. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

GARCIA, Cláudio Boeira. Filosofia e vida argumentativa. In: RIBAS, Maria Alice Coelho. et al. (Orgs.). Filosofia e ensino: a filosofia na escola. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

HORN, Geraldo Balduino. Filosofia, ensino e emancipação. In: CANDIDO, Celso; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). Filosofia e ensino: um diálogo transdisciplinar. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.

LANGÓN, Maurício. Filosofia do ensino de filosofia. In: GALLO, Sílvio, CORNELLI, Gabriele, DANELON, Márcio (Orgs.). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

NAVIA, Ricardo. O ensino médio de Filosofia nas presentes condições culturais e sociais de nossos países. In: RIBAS, M. et. al. (Orgs.). Filosofia e ensino: a filosofia na escola. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

RODRIGUES, Zita Ana Lago. A filosofia no ensino médio conforme a LDB-9394/96 e as diretrizes curriculares do MEC – PCN/EM (1999) In: FÁVERO, Altair Alberto; RAUBER, Jaime José; KOHAN, Walter Omar (Orgs.). Um olhar sobre o ensino de filosofia. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002.

SAVATER, Fernando. O Valor de Educar. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2005.

SAVATER, Fernando. As Perguntas da Vida. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SAVATER, Fernando. Acerca de la verdadera educación: potenciar la razón. Palavra Clave. 142. Número 3. 1999.

SEVERINO, Antonio Joaquim. O ensino da filosofia: historicidade do conhecimento e construtividade da aprendizagem. In: GALLO, Sílvio, CORNELLI, Gabriele, DANELON, Márcio (Orgs.). Filosofia do ensino de filosofia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SILVEIRA, René José Trentin. Um sentido para o ensino de filosofia no nível médio. In: GALLO, Sílvio, KOHAN, Walter Omar (Orgs.). Filosofia no ensino médio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



SOUSA, Sonia Maria Ribeiro. A filosofia no ensino médio: uma re (leitura) a partir dos PCNs. In: GALLO, Sílvio; DANELON, Márcio; CORNELLI, Gabriele. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004.